

**Sobre a
BREVIDADE
DA**

VIDA

SÊNECA

Sobre a
**BREVIDADE
DA
VIDA**

Tradução
Fábio Meneses Santos



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do inglês
*Seneca on the shortness of life - life is long if
you know how to use it*

Texto
Sêneca

Tradução
Fábio Meneses Santos

Preparação
Walter Sagardoy

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora

Design de capa
Ana Dobón

Imagens
Fran_kie/shutterstock.com;
Valenty/shutterstock.com

Traduzido a partir da versão em inglês de C. D. N. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S475s	Sêneca Sobre a brevidade da vida / Sêneca ; traduzido por Fábio Meneses Santos. - Jandira, SP : Principis, 2021. 96 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial) Tradução de: Seneca on the shortness of life - life is long if you know how to use it ISBN: 978-65-5552-289-1 1. Filosofia. 2. Sêneca. I. Santos, Fábio Meneses. II. Título. III. Série.
2021-74	CDD 170 CDU 17

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Sêneca 170
2. Filosofia : Sêneca 17

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Sobre a brevidade da vida.....	7
Um consolo para Hélvia	35
Sobre a tranquilidade da mente.....	63



SOBRE A BREVIDADE DA VIDA

A maioria dos seres humanos, Paulinus, queixa-se da mesquinhez da natureza, porque nascemos para um breve período de vida e porque este período que nos foi dado passa tão depressa e rapidamente que, com poucas exceções, a vida cessa para a maioria de nós exatamente quando estamos nos preparando para ela. Não é apenas o homem da rua e a massa irrefletida de pessoas que reclama disso, do modo como o veem, como o mal universal: o mesmo sentimento está por trás das queixas também de homens distintos. Daí a máxima do maior dos médicos: “A vida é curta, a arte é longa”. Daí também a queixa, inapropriada para um homem sábio, que Aristóteles expressou quando responsabilizou a natureza por conceder aos animais existências tão longas que eles poderiam viver por cinco ou dez vidas humanas, enquanto um limite muito menor foi estabelecido para os homens, que nascem para um grande e extenso destino.

Não é que tenhamos pouco tempo de vida, mas desperdiçamos muito dela. A vida é longa o suficiente, e uma quantia bastante generosa nos foi dada para as maiores realizações, se tudo fosse bem empregado. Mas, quando é desperdiçada na luxúria despreocupada e gasta com nenhuma

atividade produtiva, somos forçados pela restrição final da morte a perceber que ela passou. Assim é: não temos uma vida curta, mas a tornamos curta, e não somos mal abastecidos, mas a desperdiçamos. Assim como quando uma grande e principesca riqueza cai para um mau proprietário, ela é desperdiçada em um momento, mas a riqueza, por mais modesta que seja, se confiada a um bom guardião, aumenta com o uso, assim como nossa vida se estende amplamente se você a administrar adequadamente.

Por que reclamamos da natureza? Ela agiu com gentileza: a vida é longa se você sabe como usá-la. Mas um homem é tomado por uma ganância insaciável, outro por uma laboriosa dedicação a tarefas inúteis. Um homem está encharcado de vinho, outro preguiçoso com o ócio. Um homem está esgotado pela ambição política, sempre à mercê do julgamento dos outros. Outro, pela esperança de lucro, é virado de cabeça para baixo sobre todas as terras e oceanos pela ganância do comércio. Alguns são atormentados pela paixão pela vida militar, sempre com a intenção de infligir perigos aos outros ou ansiosos por encarar perigos para si próprios. Alguns estão esgotados pela servidão autoimposta de serviço ingrato aos grandes. Muitos estão ocupados perseguindo o dinheiro de outras pessoas ou reclamando do seu próprio dinheiro. Muitos não perseguem um objetivo fixo, mas são lançados de um lado para outro em projetos sempre mutáveis por uma inconstância perpétua, e nunca satisfeitos consigo mesmos. Alguns não têm um objetivo sequer para o curso de sua vida, mas a morte os pega de surpresa enquanto bocejam languidamente, tanto que não posso duvidar da veracidade daquela observação oracular do maior dos poetas: “É uma pequena parte da vida que realmente vivemos”. Na verdade, todo o resto não é vida, mas apenas a passagem do tempo.

Os vícios cercam e assaltam os homens de todos os lados e não permitem que se ergam novamente e levantem os olhos para discernir a verdade, mas os mantêm oprimidos e arraigados em seus desejos. Eles nunca podem recuperar seu verdadeiro eu. Se por acaso alcançam alguma tranquilidade, assim como uma ondulação permanece no fundo do mar, mesmo depois

que o vento diminui, assim permanecem eles, continuam se debatendo sem nunca encontrar descanso de seus desejos.

Você acha que estou falando apenas daqueles cuja maldade é reconhecida? Olhe para aqueles cuja boa sorte as pessoas se reúnem para admirar: eles estão sufocados por suas próprias bênçãos. Quantos deles não acham que suas riquezas são um fardo! Quantos estouraram um vaso sanguíneo com sua eloquência e seu esforço diário para exhibir seus talentos! Quantos estão pálidos de prazeres constantes! Quantos não têm liberdade pela multidão de clientes que os rodeia! Em suma, percorra todos eles, do mais baixo ao mais alto: um pede assistência jurídica, outro vem ajudar; um está sendo julgado, outro o defende, outro o julga; ninguém reivindica a si mesmo, mas cada um é explorado em benefício do outro. Pergunte sobre aqueles cujos nomes conhecemos de cor, e você verá que eles possuem estas marcas distintivas: X cultiva Y e Y cultiva Z, ninguém se preocupa consigo mesmo.

Mais uma vez, certas pessoas revelam a mais estúpida indignação: queixam-se do orgulho dos seus superiores porque não tiveram tempo de lhes conceder uma audiência quando eles a pediram. Mas alguém ousará reclamar do orgulho alheio, quando ele mesmo nunca tem tempo para si? No entanto, seja você quem for, um grande homem às vezes olhou para você, e, mesmo que o olhar fosse paternalista, voltou os ouvidos para suas palavras, ele o deixou caminhar ao seu lado. Mas você mesmo nunca se digna a olhar para si, ou ouvir a si mesmo. Portanto, você não tem motivo para reivindicar o crédito de ninguém por essa atenção, já que as reivindicou não porque queria a companhia de outra pessoa, mas porque não podia suportar a sua própria companhia.

Mesmo se todos os intelectos brilhantes que já viveram concordassem em ponderar sobre este tema, eles nunca expressariam de forma suficiente sua surpresa com essa névoa na mente humana. Os homens não permitem que ninguém se apodere de suas propriedades e, se houver a menor disputa sobre suas fronteiras, eles correm para apanhar pedras e erguem

os punhos; mas permitem que outros invadam suas vidas; ora, eles próprios até convidam aqueles que tomarão conta de suas vidas. Você não encontrará ninguém disposto a dividir seu dinheiro; mas para quantos cada um de nós divide a própria vida! As pessoas são frugais na guarda de seus bens pessoais; mas, assim que se chega ao desperdiçar do tempo, elas perdem muito da única coisa com a qual é correto ser mesquinho.

Portanto, gostaria de me atrelar a alguém da geração mais velha e dizer-lhe: “Vejo que você chegou ao último estágio da vida humana; você está perto de completar seu centésimo ano, ou mesmo além: venha aqui, vamos fazer uma auditoria de sua vida. Calcule quanto de seu tempo foi tomado por um agiota, quanto por uma amante, um patrono, um cliente, brigando com sua esposa, punindo seus escravos, correndo pela cidade em suas obrigações sociais. Considere também as doenças que causamos a nós mesmos, e o tempo que não foi usado. Você descobrirá que tem menos anos do que os que contou de vida. Lembre-se de quando você já teve um propósito fixo; quantos dias se passaram como você planejou; quando você esteve sempre à sua disposição; quando seu rosto assumiu sua expressão natural; quando sua mente não foi perturbada; que trabalhos você realizou em uma vida tão longa; quantos saquearam sua vida enquanto você nem notava as suas perdas; quanto você perdeu por meio da tristeza infundada, da alegria tola, dos desejo ganancioso, das seduções da sociedade; quão pouco do seu ser foi deixado para você. Você vai perceber que está morrendo prematuramente”.

Então, qual é a razão para isso? Você está vivendo como se estivesse destinado a viver para sempre; sua própria fragilidade nunca ocorre a você; você não percebe quanto tempo já passou, mas desperdiça-o como se tivesse um estoque farto e transbordante, embora, o tempo todo, esse mesmo dia que você está dedicando a alguém ou algo possa ser o seu último. Vocês agem como mortais em tudo o que temem e como imortais em tudo o que desejam. Você ouvirá muitas pessoas dizer: “Quando eu tiver cinquenta anos, vou me aposentar para o lazer; quando eu tiver

sessenta, abandonarei as funções públicas”. E que garantia você tem de uma vida mais longa? Quem permitirá que seu curso prossiga conforme você o organiza? Você não tem vergonha de guardar para si apenas o que restará de sua vida e de dedicar à sabedoria apenas o tempo que não pode ser gasto em nenhum outro negócio? Como é tarde para começar a viver de verdade, exatamente quando a vida deve acabar! Quão estúpido é esquecer nossa mortalidade e adiar planos importantes para os nossos cinquenta ou sessenta anos, visando começar a vida em um ponto a que poucos chegaram!

Você notará que os homens mais poderosos e bem posicionados fazem comentários em que imploram por lazer, elogiam e o avaliam melhor do que todas as suas bênçãos. Às vezes, eles desejam descer de seus pináculos, se o puderem fazer em segurança; pois, mesmo que nada externo os assalte ou agite, a grande fortuna de si mesmos ameaça desabar. O deificado Augusto, a quem os deuses concederam mais do que a qualquer outra pessoa, nunca deixou de orar por descanso e de buscar uma trégua dos negócios públicos. Tudo o que ele dizia sempre revertia para este tema: sua esperança de lazer. Costumava iludir seu trabalho com este consolo, doce, embora falso, de que um dia viveria para agradar a si mesmo. Numa carta que escreveu ao Senado, depois de prometer que seu descanso não falharia em dignidade nem seria incompatível com sua antiga glória, encontro estas palavras: “Mas é mais impressionante realizar essas coisas do que promê-tê-las. No entanto, como a deliciosa realidade ainda está muito distante, meu anseio por aquele tempo tão desejado me levou a antecipar parte de seu deleite pelo prazer que surge das palavras”. O lazer parecia tão valioso para ele que, por não poder desfrutá-lo na realidade, fazia-o mentalmente com antecedência. Aquele que viu que tudo dependia exclusivamente de si mesmo, que decidiu o destino dos indivíduos e das nações, ficou mais feliz ao pensar naquele dia em que deixaria de lado a sua própria grandeza. Ele sabia por experiência própria quanto suor essas bênçãos brilhando em cada terra lhe custavam, quantas ansiedades secretas elas ocultavam. Ele foi

forçado a lutar primeiro com seus conterrâneos, depois com seus colegas e, finalmente, com seus parentes, derramando sangue na terra e no mar. Impelido a lutar na Macedônia, Sicília, Egito, Síria, Ásia, em quase todos os países, ele voltou seus exércitos contra inimigos estrangeiros quando eles estavam cansados de derramar sangue romano. Enquanto estava estabelecendo a paz nos Alpes e subjugando os inimigos estabelecidos no meio de seu próprio império pacífico, enquanto estendia suas fronteiras além do Reno, o Eufrates e o Danúbio na própria Roma, Murena, Caepio, Lepidus, Egnatius e outros estavam afiando suas espadas contra ele. Nem ele ainda escapara de suas tramas, quando sua filha e todos os jovens nobres ligados a ela por adultério, como se por um juramento continuassem alarmando sua débil velhice, como fizeram Iullus e uma segunda mulher formidável ligada a um tal Antônio. Ele cortou essas úlceras, membros e tudo, mas outras tomaram seu lugar: como um corpo com excesso de sangue que está sempre sujeito a uma hemorragia em algum lugar. Por isso ansiava pelo lazer e, à medida que suas esperanças e pensamentos persistiam na ideia, encontrou alívio para o seu trabalho: esta era a oração do homem que podia conceder às orações de toda a humanidade.

Quando Marco Cícero foi lançado entre homens como Catiline, Clodius, Pompeu e Crasso, alguns deles inimigos indisfarçáveis e alguns amigos duvidosos, quando foi jogado de um lado para o outro na tempestade que atingiu o Estado, ele tentou segurar firme enquanto avançava em sua desgraça; que ao fim foi varrido dali. Ele não tinha paz na prosperidade nem paciência na adversidade, e quantas vezes ele amaldiçoa aquele mesmo consulado, que ele elogiou sem cessar, embora não sem um bom motivo! Que palavras lamentáveis ele usa em uma carta a Ático quando o mais velho Pompeu havia sido conquistado e seu filho ainda estava tentando reviver suas forças derrotadas na Espanha! “Você quer saber”, disse ele, “o que estou fazendo aqui?” Vou ficar semiprisioneiro na minha vila em Tusculan. Ele então passa a lamentar sua vida anterior, reclamar do presente e se desesperar com o futuro. Cícero se autodenominou um

semiprisioneiro, mas realmente e verdadeiramente o homem sábio nunca irá tão longe a ponto de usar um termo tão abjeto. Ele nunca será um semiprisioneiro, mas sempre desfrutará de uma liberdade sólida e completa, com a liberdade de ser seu próprio senhor e superior a todos os outros.

Pois o que pode estar acima do homem que está acima do destino? Lívio Druso, um homem ousado e vigoroso, propôs leis que renovaram a política maligna dos Gracos, e ele foi apoiado por uma enorme multidão de toda a Itália. Mas ele não conseguia ver nenhum resultado bem-sucedido para suas medidas, que não poderia levá-las a cabo nem as abandonar uma vez empreendidas; e dizem que amaldiçoou a vida turbulenta que sempre viveu, dizendo que ele mesmo nunca teve férias, nem quando criança. Pois, enquanto ainda estava sob custódia e vestido como um jovem, ele se aventurou a falar a um júri em favor de alguns homens acusados e a conquistar influência nos tribunais, com tanto efeito que, como todos sabemos, ele forçou alguns vereditos favoráveis a seus clientes. Até onde uma ambição tão precoce não iria? Você deveria saber que essa ousadia prematura resultaria em problemas terríveis, tanto públicos quanto privados. Pois já era tarde demais para reclamar que nunca tirou férias, pois desde a sua infância fora um sério encrenqueiro no Fórum. É incerto se ele morreu por suas próprias mãos, pois ele desmaiou após receber um ferimento repentino na virilha, algumas pessoas duvidando que sua morte tenha sido autoinfligida, mas ninguém duvidando que ela tivesse sido oportuna.

Seria supérfluo mencionar ainda que, embora parecendo para os outros o mais feliz dos mortais, eles mesmos carregavam uma verdadeira testemunha contra si próprios por seu ódio expresso de cada ação de suas vidas. Mesmo assim, eles não mudaram a si próprios ou a qualquer outra pessoa por meio dessas queixas, pois, depois da explosão de palavras, seus sentimentos voltavam ao normal. Certamente suas vidas, mesmo que durem mais de mil anos, se encolher-se-ão no mais ínfimo período: esses vícios irão engolir qualquer espaço de tempo. O tempo real que você tem, que a razão pode prolongar, embora ele naturalmente passe muito depressa,

escapa também rapidamente de você de maneira inevitável: pois você não consegue agarrar ou o segurar ou tentar atrasar a mais rápida de todas as coisas, mas você a deixa escapar como se fosse algo supérfluo e substituível.

Mas, entre os piores ofensores, conto aqueles que passam todo o tempo bebendo e cobiçando, pois essas são as piores atitudes de todas. Outras pessoas, mesmo que possuídas por uma aparência ilusória de glória, sofrem de uma ilusão respeitável. Você pode me dar uma lista de homens mesquinhos, ou homens de temperamento quente que se entregam a ódios ou guerras injustos: mas todos eles estão pecando de um modo muito mais viril. São aqueles que estão em um curso precipitado de gula e luxúria e que estão manchados com a desonra. Examine como todas essas pessoas gastam seu tempo; quanto tempo se dedicam às suas contas, a armar armadilhas para os outros ou a temer aquelas que foram postas contra si próprios, a cortejar outros ou serem cortejados eles mesmos, a dar ou receber fiança, a banquetes (que agora contam como negócio oficial): você verá como suas atividades, boas ou más, não lhes dão nem tempo para respirar.

Finalmente, existe um acordo geral que nenhuma atividade pode ser exercida com sucesso por um indivíduo que esteja preocupado, nem retórica ou estudos liberais, uma vez que a mente, quando distraída, não absorve nada profundamente, mas rejeita tudo o que é, por assim dizer, enfiado para dentro dela. Viver é a atividade menos importante do homem preocupado; no entanto, não há nada mais difícil de aprender. Existem muitos instrutores nas outras artes que podem ser encontrados em qualquer lugar: de fato, algumas dessas artes, que simples meninos compreenderam tão profundamente e que podem até mesmo ensiná-las. Mas aprender a viver exige uma vida inteira, e, o que pode surpreendê-lo mais, é preciso uma vida inteira para aprender a morrer.

Muitos dos melhores homens deixaram de lado todos os seus ônus, renunciando às riquezas, aos negócios e ao prazer, e fizeram de seu único objetivo, até o fim de suas vidas, saber como viver. No entanto, muitos

deles morreram confessando que ainda não o sabiam, e menos ainda aqueles outros poderiam saber. Acredite em mim, é o sinal de um grande homem, e de um que esteja acima do erro humano, não querer ver seu tempo desperdiçado: ele tem a vida mais longa possível simplesmente porque todo o tempo disponível ele se dedicou inteiramente a si mesmo. Nenhum desse tempo foi abandonado ou negligenciado, nada sob o controle de outra pessoa; por ser um guardião extremamente parcimonioso de seu tempo, nunca encontrou algo que valesse a pena trocar por ele. Então ele teve tempo suficiente; mas aqueles em cujas vidas o público fez grandes incursões, inevitavelmente, têm muito pouco.

Nem deve você pensar que essas pessoas às vezes não reconheçam sua perda. Na verdade, você ouvirá muitos daqueles para quem a grande prosperidade é um fardo, às vezes clamando em meio a suas hordas de clientes ou fazendo seus pedidos em tribunais ou outras honrosas misérias. “É impossível viver”. Claro que é impossível. Todos aqueles que chamam você para eles o afastam de si mesmo. Quantos dias aquele réu roubou de você? Ou aquele candidato? Ou aquela velha cansada de enterrar seus herdeiros? Ou aquele homem fingindo uma doença para despertar a ganância dos caçadores de heranças? Ou aquele amigo influente que mantém pessoas como você não para amizade, mas para exibição? Marque-os bem, eu lhe digo, e reveja os dias de sua vida: você verá que muito poucos, os resíduos inúteis, foram deixados para você.

Um homem que alcançou o distintivo cargo que cobiçava, anseia por deixá-lo de lado e fica repetindo: “Este ano nunca terminará?”. Outro homem considerou uma grande vitória ganhar a chance de disputar jogos, mas, tendo conseguido, diz: “Quando vou me livrar deles?”. Esse defensor é agarrado por todos os lados do Fórum e enche todo o lugar com uma enorme multidão que se estende além do que ele pode ser ouvido: mas ele diz: “Quando chegarão as férias?”.

Todos se apressam em sua vida e são perturbados por um anseio pelo futuro e pelo cansaço do presente. Mas o homem que dedica todo o seu